



O Discurso do Jornalismo Financeiro sobre a Crise de Crédito dos Estados Unidos na Folha de São Paulo¹.

Carlos Alberto Orellana Gonçalves.

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

RESUMO: O presente artigo pretende analisar a relação entre os campos jornalístico e econômico. Serão analisados os verbos de discurso direto das fontes encontradas nas reportagens sob as perspectivas da Análise do Discurso de linha francesa e da sociologia de Bourdieu. O material da análise corresponde a semana do dia 21 de janeiro de 2008 do jornal Folha de São Paulo.

Palavras-chave: campo, discurso, jornalismo financeiro.

¹ Trabalho a ser apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



O Discurso do Jornalismo Financeiro sobre a Crise de Crédito dos Estados Unidos na Folha de São Paulo¹

Carlos Alberto Orellana Gonçalves²

Márcia Franz Amaral³

Universidade Federal de Santa Maria, RS

RESUMO: O presente artigo pretende analisar a relação entre os campos jornalístico e econômico. Serão analisados os verbos de discurso direto das fontes encontradas nas reportagens sob as perspectivas da Análise do Discurso de linha francesa e da sociologia de Bourdieu. O material da análise corresponde a semana do dia 21 de janeiro de 2008 do jornal Folha de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: campo, discurso, jornalismo financeiro.

Introdução

É importante tentar definir certos conceitos. O primeiro é de discurso que, segundo Maingueneau, é uma generalização que não contribui para uma observação mais profunda, e gera controvérsias. Portanto, tentaremos usar o conceito de formação discursiva. O termo formação discursiva pode ser compreendido como 'o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, uma exposição, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada' (FOUCAULT apud MAINGUENEAU, 1993: 22).

Deste modo, leva-nos a considerar a formação discursiva como um conjunto de regras não expressas, definidas historicamente e que detêm a função enunciativa. Assim, a formação discursiva torna-se a base em que a Análise do Discurso 'pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito' (PÊCHEUX apud MAINGUENEAU, 1993:11). E a sociologia de Bourdieu contribui decisivamente para entender a formação discursiva como uma questão de autoridade que só se concretiza no seu 'reconhecimento que só é atribuído (...) sob certas condições (...) que definem o uso legítimo (...) em uma situação legítima (...) enfim deve ser enunciado sob formas legítimas' (BOURDIEU apud MAINGUENEAU, 1993: 37). Por legitimidade podem se ler as instituições ou agentes detentores de um poder

¹ Trabalho a ser apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduando do Curso de Jornalismo da UFSM, email: lapisazul2984@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFSM, email: marciafamaral@uol.com.br

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



simbólico de enunciação de certas formações discursivas que reproduzem certa situação hegemônica, e é reconhecida socialmente.

Foucault reflete muito bem sobre as situações de enunciação ao apontar traços distintivos entre os discursos religioso, judiciário e terapêutico que se apoiariam na prática de determinados rituais para assim determinar os sujeitos de fala e os papéis a que estariam associados.

O campo do jornalismo financeiro

Após localizar o conceito de formação discursiva, agora é bom avançar sobre o campo do jornalismo econômico-financeiro. É interessante termos um pouco sobre o conceito de campo que na definição bourdieusiana seria 'um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto de propriedades que atuam no universo social' (BOURDIEU, 1998: 133). Por conjunto de propriedades podemos entender os diversos capitais (cultural, econômico, social) assegurados pelas instituições para determinados agentes que os detêm. Conforme Bourdieu, o movimento dos agentes dentro do campo vai se dar em duas etapas, a primeira em função do volume do capital global que possuem, a segunda corresponde ao peso relativo de cada um destes capitais. Portanto, o campo do jornalismo financeiro constitui-se como um determinado espaço formado de princípios de diferenciação e de distribuição de capital simbólico e de posições que 'tendem a reprodução continuada da distribuição do capital simbólico' (BOURDIEU, 1998:152).

Logo, o que podemos considerar no jornalismo um movimento de agentes com capitais diferentes que privilegiam certa situação hegemônica que hoje podemos definir como paradigma do capitalismo flexível. Deste modo, segundo Kucinski, a substituição de um paradigma keynesiano por um monetarista, reforçou a idéia de que o mercado financeiro é auto-regulado, isto é, não requer intervenção estatal. A ascensão de um pensamento monetarista privilegia as atividades financeiras sobre as demais atividades econômicas. E as mudanças na dinâmica de um capitalismo fordista para um capitalismo flexível baseadas, principalmente, no desenvolvimento de tecnologias da informação, deram espaço para a livre circulação do capital especulativo, de modo jamais visto. Nesta fase, o jornalismo dedicado à economia acaba por focar a sua agenda para as atividades financeiras em detrimento às demais. Kucinski destaca que o jornalismo econômico privilegia a escolha do capital e de seu processo de acumulação de bens como os principais focos de atenção e preocupação, deixando o homem de lado.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



Além disso, 'o jornalismo econômico (...) tornou-se o principal agendador do debate político (...) um jornalismo que não se propõe a explicar e sim a seduzir' (KUCINSKI, 1996:15). O que podemos entender que o jornalismo econômico-financeiro tende a delegar o poder de enunciação a um círculo de agentes que possam reproduzir esta ideologia de economia liberal. E como 'as relações de comunicação são, de modo, inseparável, sempre relações de poder que dependem (...) do poder material ou simbólico acumulados pelos agentes (...) cumprem a função de legitimação (BOURDIEU, 1998:11).

Na obra de Bourdieu também podemos compreender que o campo científico a qual a economia se atrela é lugar de concorrência violenta onde está em jogo o monopólio da 'autoridade científica', que pode ser entendida como a capacidade de falar legitimamente. O campo da economia torna-se terreno fértil para esta concorrência, na medida em que há um grande número de escolas de pensamento, cada qual com seus axiomas articulados como instrumentos de sedução ideológica.

Metodologia

A metodologia empregada é análise do discurso jornalístico por intermédio do estudo de suas fontes e do discurso direto ou indireto por elas proferido e a reflexão sobre os poderes imbricados nesta relação. O nosso corpus serão três matérias que abordam a questão da crise de crédito da economia norte-americana, do período da semana de 21 de janeiro de 2008. Serão avaliados os verbos de discurso direto. As matérias a serem analisadas são 'Crise pega Brasil e o mundo mais ricos', do dia 27 de janeiro; 'País encara turbulência em situação melhor', do dia 27 de janeiro; 'Mercado reavalia preços em dia de pânico', do dia 22 de janeiro.

Análise

É necessária antes da análise em si, uma definição de Barthes que se torna importante para o desenvolvimento de nossa análise e na conclusão. Logo assim,

'1- Todo o sistema forte de discurso é uma 'representação' (...) uma encenação de argumentos, de agressões (...) 2- Existem (...) figuras de sistema (...) montadas a vista de (...) fechar o sistema, de o proteger e

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



de excluir imediatamente dele o adversário (...) 3- (...) poderemos perguntar-nos se a frase (..) não será ela própria uma arma, um operador de intimidação' (BARTHES, 1984: 103).

Esta citação de Barthes nos desafia em nossa investigação na medida em que amplia o leque metodológico ao demonstrar que uma análise discursiva torna-se também um instrumento de verificação do lugar de fala de seus agentes e que visa incluir o outro 'como um simples objeto'. E dispõe a frase como constituição primária do poder de fala, e como a nossa metodologia desenvolve-se a partir da análise de verbos das fontes no discurso direto, é preciso ressaltar que os verbos são os principais agentes de uma oração, na medida em que carregam o sentido de número, tempo, ação. Nesta perspectiva, poderíamos partir de um caminho no qual um determinado verbo pode revelar o discurso em que está integrado e as representações associadas.

E os discursos diretos e indiretos são as manifestações mais claras de heterogeneidade enunciativa de um discurso. No discurso direto caracteriza-se pela aparição de um segundo 'locutor' no enunciado atribuído a um primeiro 'locutor'.

'Seria mais exato ver nele uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta. Dito de outra forma, ele não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto, são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação ' (MAINGUENEAU, 1993:85).

O que o teórico oferece-nos é a perspectiva de que o discurso direto quer estrategicamente mostrar-se mais fiel a fala da fonte ao mesmo tempo em que cria o efeito de distanciamento em relação ao dito.

Crise pega Brasil e o mundo mais ricos

É uma matéria de seis colunas, com um infográfico no centro da matéria, no alto da página B3, da editoria de economia intitulado 'Dinheiro'. E é uma matéria assinada.

Nesta matéria encontramos onze citações diretas, com oito fontes, uma fonte teve três citações diretas, e outra teve duas citações diretas apresentadas, sendo que

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



estas duas são fontes internacionais. A fonte de três citações é Mark Smith, vice-presidente executivo da Brazil-US Business Council, 'reúne entre outras, 201 das 500 maiores multinacionais dos Estados Unidos'. E a outra fonte que teve duas citações apresentadas é Frederick Jaspersen,' diretor para América Latina da IIF (Instituto de Finanças Internacionais), que reúne os 320 maiores bancos do mundo.' É bem claro o efeito de ancoragem na autoridade destas fontes que são apresentadas por seus elevado posicionamento hierárquico (vice-presidente e diretor) e por estarem vinculados a maiores instituições econômicas do mundo, o que reforça ainda mais o seu cargo. Assim torna-se necessário pensar na seguinte afirmação ' para uma formação discursiva dada, X (no caso o sujeito da fala) não pode ser qualquer um; existem coerções muito fortes que pesam sobre sua identidade ' (MAINGUENEAU, 1993: 101).

Além disso, por estarem ligados a instituições internacionais o peso simbólico é maior do que nacional, na medida em que os verbos ligados a estas fontes estão associados a um julgamento pessoal fundado sobre uma experiência. Enquanto os verbos das demais fontes mostram-se como um produto de uma reflexão sobre a realidade nacional mais restrita, portanto com menor peso simbólico em relação à crise, mas com maior peso simbólico sobre a tomada de decisão. Estes critérios de classificação de diversos verbos de opinião como instrumento de observação dos valores a que estão associados foi criado por Ducrot. As fontes com maior capital simbólico (estrangeiras) têm em suas falas os seguintes verbos ou expressões: 'certamente o Brasil vai sofrer', 'mas é certo também', 'ainda é muito cedo', ' a maioria das empresas norte-americanas teve (...) os últimos melhores anos'. Estes verbos marcam um lugar de segurança, devido à sua posição dentro do campo econômico e por uma suposta experiência em termos internacionais. As fontes nacionais não-financeiras vêm em segundo lugar em capital simbólico, pois falam do nacional, o que é mais restrito, e apresentam as seguintes afirmações 'Nada mudou na economia não-financeira.', 'O mercado interno permanece muito aquecido'. Os verbos das fontes nacionais não-financeiras ainda mantêm resquícios de segurança também criado por sua posição dentro do campo econômico nacional, mas os verbos denunciam que estas falas são produto de reflexão de que a economia não-financeira ainda é preponderante no Brasil. E em terceiro lugar em as fontes nacionais financeiras que suas falas possuem verbos de explicação, de modo descritivo. Como os seguintes trechos: Não se trata de aversão ao país, mas de necessidade de caixa. ' Enquanto, os verbos das fontes nacionais financeiras refletem o espaço restrito ainda em termos percentuais que a economia

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



financeira tem no país, pois suas falas são baseadas em descrição e explicação da crise de crédito norte-americana.

As demais fontes apresentam apenas uma citação direta cada, entretanto vemos nelas os mesmos efeitos de ancoragem de autoridade. Todavia, as autoridades têm pesos simbólicos diferentes, pois, três possuem um alto cargo de chefia e um poder simbólico por representar entidades nacionais e regionais (Paulo Skaf, presidente da Fiesp; Monteiro Neto, presidente da CNI; João Robusti, presidente da SidusCon-SP). Duas fontes possuem um capital simbólico menor, na medida em que um representa uma instituição financeira de pouca visibilidade e outro não possui um cargo de chefia, mesmo representando a Fecomércio de SP. E outra fonte permanece em forma apenas de relatório e o nome da instituição, sem uma personalização (relatório do FMI). Contudo, permanece o princípio de raciocínio de autoridade que repousa na idéia de que alguém disse algo, mas este alguém não é qualquer um, o que podemos concluir que o dito é verdadeiro ou verossímil, esta fala é tomada como 'índice de verdade' sobre o dito.

Mesmo sendo uma crise de crédito, portanto, ligada ao setor financeiro norte-americano, as falas das fontes relacionadas ao setor financeiro são duas vezes menor do que as citações das fontes ligadas a outro setor da economia. O que podemos pensar e as citações diretas deixam claro é que as falas das fontes associadas ao setor financeiro vêm para explicar a crise e sugerir prognóstico, não cabendo a elas a reflexão nacional e internacional, pois aqui entram os representantes das indústrias e do comércio (Fiesp, CNI, SidusCon-SP, Brazil-US Business Council). O que podemos pensar é que o lugar do financeiro é um lugar frágil no jornal, na medida em que perde espaço simbólico no campo do jornalismo econômico para outras áreas econômicas. Seu espaço é resultado da factualidade e do caráter expressivo do acontecimento, pois uma crise de crédito torna-se muito mais interessante que as demais pautas que o jornalismo econômico tem que cobrir. Mas o financeiro ainda é entendido como 'oportunista' e, portanto com menos poder simbólico que as demais atividades econômicas nas matérias analisadas no jornal.



Mercado reavalia preços em dia de pânico

Esta matéria é capa do caderno de economia intitulado 'Dinheiro' tem quatro colunas, apresenta gráfico, infográfico e fotografia e é assinada. Nesta matéria temos três fontes, duas ligadas à academia e uma ao mercado financeiro. As duas fontes acadêmicas têm nas suas falas verbos e expressões verbais que indicam segurança quanto à opinião: 'é apenas a ponta do iceberg', 'o mercado de crédito deve sentir grande correções', estas duas falas são do professor Marcio Holland, da FGV (Fundação Getúlio Vargas). A outra fonte acadêmica apresenta opiniões com verbos e expressões verbais que conotam idéia de segurança e de alto grau reflexão tais como: 'o que está acontecendo é um reflexo da crise que vem se arrastando', 'os bancos tiveram que reconhecer o prejuízo', 'Há uma expectativa de reavaliação completa'.

Deste modo, estas citações diretas conferem o grau de conhecimento sobre a área financeira a estudiosos, na medida em que os verbos indicam alto grau de segurança sobre o fato e as suas causas. Estes verbos posicionam seus falantes numa posição privilegiada de conhecimento. O que, respectivamente, tem um índice de verdade. E os verbos usados na citação direta da fonte financeira põem em dúvida o seu conhecimento sobre o fenômeno, com mostra os seguintes trechos 'não dá para dizer', 'só se vai saber'.

A quantidade de vezes em que fontes não-financeiras é apresentada é duas vezes maior que a fonte financeira. Sendo que a citação da fonte financeira foi a última a aparecer na matéria, o que é um índice de menor capital simbólico para a sua fala, já que uma notícia é construída no formato pirâmide invertida, estando os seus principais elementos de contextualização no lead e primeiros parágrafos.

É importante destacar que os discursos diretos, isto é, o uso das aspas como marca de alteridade e de distanciamento está relacionada ao 'conjunto do movimento de enunciação, e, além disso, à formação discursiva na qual ele se inscreve'. (MAINGUENEAU, 1993: 90). O que podemos concluir é que o uso das aspas no discurso direto (objeto da nossa investigação) reforça a convivência entre os sujeitos. Conforme Maingueneau, o texto (jornalístico) não é um depósito de significações que bastaria dele retirar uma interpretação, mas é uma cena enunciativa atravessada por reconstruções de suas imagens (representações). Assim, esta perspectiva concilia a perspectiva de Bourdieu na quais as representações estão num jogo de poder dentro de



uma formação discursiva que por sua vez estão num campo que reconfigura e é reconfigurado pela formação discursiva.

País encara turbulência em situação melhor

É uma matéria de quatro colunas que divide a página com mais duas matérias, uma grande e principal e outra pequena também com quatro colunas. Nesta matéria vemos três citações diretas de três fontes financeiras. O que exigiria uma reavaliação quanto à análise feita nos dois outros casos. Entretanto, os verbos ligados às fontes financeiras implicam julgamento fundado numa experiência, isto é, os verbos e expressões são muito mais explicativas e demonstrativas do que de segurança apoiada na autoridade de algum cargo. As autoridades se esvaziam e se anulam na medida em que apresentam o mesmo número de citações diretas e os verbos correspondem a um mesmo conteúdo semântico. Um outro fator de importância é que as três fontes são apresentadas por seus antigos cargos no Banco Central (BC) do Brasil, maior órgão financeiro do país. Como os seguintes exemplos: 'diretor do BC à época da crise de 1999', 'presidente do BC à época da crise mexicana', 'ex-diretor do BC, que também enfrentou a crise de 2002. Isto demonstra que há diversas formações discursivas em jogo dentro do campo econômico, e que no jornalismo diário hierarquiza tais formações, algumas com mais capital simbólico e outras com menos. E que dependendo dos caminhos percorridos pelas formações discursivas dentro de um campo vão se estabelecer intercâmbios, isto é, dentro da economia, o capital industrial ainda fala mais alto do que o financeiro pelo menos no caso observado.

Além disso, é notório que do modo como são apresentados as fontes já os coloca num mesmo nível, pois todos são 'ex' ligados ao BC e que enfrentaram cada um uma crise numa época diferente. O que confere a eles a capacidade de explicar como o 'país encara a situação em situação melhor', mas que não dá a eles a capacidade de estar falando num lugar de segurança e de alto grau de reflexão concedido aos sujeitos da economia não-financeira, já que são eles são os donos das empresas com papéis na bolsa e principais tomadores de empréstimo da economia financeira. Um fator que pode ajudar em nosso trabalho é a contribuição de Fonseca. O pesquisador verificou no noticiário da Folha de São Paulo, uma formação discursiva que tentava conciliar uma tradição de estado bem-estar, fundado na industrialização, no pacto de força de trabalho

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



e capital, num Estado interventor na área econômica com outra tradição liberal que ganhava espaço nos países periféricos nos meados da década de 1980 e início da década seguinte que o capital financeiro é preponderante. O que queremos dizer que ainda se verifica resquícios desta conciliação entre as duas tradições de pensamento econômico, já que o lugar de fala da economia não-financeira é privilegiado em relação ao financeiro, mas é no financeiro que o jornalismo econômico encontra a singularidade e a factualidade que o jornalismo diário requer.

Conclusão

O discurso do jornalismo econômico-financeiro entra em contradição quando apresenta a crise da bolsa de valores acarretada pela crise de crédito norte-americana. Na medida em que revela um país de economia periférica (com maiores riscos aos investimentos e aos ataques especulativos) ao mesmo tempo em que refuta o 'descolamento' da interdependência da economia brasileira à norte-americana. A economia do 'país' estaria imune aos ataques especulativos, pois apresenta indicadores mais sólidos. Assim, a formação discursiva do jornalismo econômico-financeiro privilegia uma situação econômica nacional descolada ou 'independente' do mercado financeiro, ao mesmo tempo em que o mercado financeiro é o centro da agenda jornalística. Ao mesmo tempo em que a formação discursiva do jornalismo torna-se o 'motor' na qual a formação discursiva das 'finanças' pode repousar, mas é no financeiro que o jornalismo vai apoiar toda a sua argumentação. O que temos verificado é na verdade, um interdiscurso, isto é, as fronteiras do financeiro e do jornalismo ficam mais porosas e passa a usar elementos do outro para a construção de efeito de verdade. O que provoca 'o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos' (MAINGUENEAU, 1993: 113).

A crise econômica, conforme Kucinski (1996), é retratada pelos jornais com moderação, pois demonstra a incapacidade do sistema. Mas o que se verificou foi o contrário, isto é, uma supervalorização das notícias ligadas à crise de crédito, e respectivamente do mercado financeiro. Então, a supervalorização nada mais é que uma manifestação de alerta à agenda liberal para os agentes ligados à economia.

O que se verificou na formação discursiva do jornalismo econômico-financeiro da Folha que o mercado pode se regular, entretanto quem deve socorrê-lo é o governo,

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



neste caso o norte-americano. Além disso, os indicadores econômicos que se relacionam com a iniciativa privada são apresentados como positivos, e são associados à situação de otimismo. E alguns os indicadores positivos são relacionados ao país, e não se verificou qualquer relação do Estado e do governo aos indicadores positivos. Há outro aspecto interessante a ser observado é o critério de hierarquia dos acontecimentos. A crise é da ordem acontecimento que surge, isto é, tem um caráter inesperado (aos leigos em economia). Entretanto, esta categoria de acontecimento-acidente 'mostra claramente dois estados de mundo: um estado de desordem e um estado de triunfo da ordem social' (CHARAUDEAU, 2007: 141). Isto demonstra que uma possível crise financeira global torna o triunfo de um sistema econômico em desordem este tema é muito importante para o jornalismo econômico feito no país.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONSECA, Franciso. *Consenso Forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo Econômico*. São Paulo: Edusp, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1993.